

  <https://doi.org/10.56238/aboreducadesenvomundiv1-043>

Nanci Geroldo Richter

Doutora, Mestre, Especialista e Graduada em Língua Portuguesa, em Letras e Literatura. Portuguesa e Contemporânea, pela Universidade de São Paulo. Atua como Pesquisadora e Pesquisadora do Centro Universitário de Tecnologia e Inovação Eniac.
E-mail: prof.nanci@hotmail.com

Mônica Maria Martins de Souza

Psicóloga e Jornalista. Doutora em Comunicação e Semiótica, Mestre em Administração, Especialista em Recursos Humanos, em Docência e em Tecnologia Educacional. Professora e Pesquisadora do Centro Universitário de Tecnologia e Inovação Eniac.
E-mail: prmonica@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a temática do romance de José Saramago com o atual ambiente educacional brasileiro, comparando as metáforas colocadas pelo autor durante todo o texto e os métodos de ensino-aprendizagem (um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos) a fim de fazer com que haja uma reflexão maior sobre a importância desse processo-iniciada ainda no berço e que não termina quando da conclusão de um curso de graduação ou os demais de pós-graduação-tanto da parte dos docentes como dos discentes.

Palavras-chave: Educação, Aprendizagem, Cegueira, Métodos educacionais.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta investigação é analisar a temática do romance de José Saramago considerando o atual ambiente educacional brasileiro. A proposta é comparar as metáforas utilizadas pelo autor no percurso em que transa texto e métodos de ensino-aprendizagem em um complexo sistema de interações. A forma como aborda os aspectos comportamentais entre professores e alunos, promove uma reflexão sobre a importância desse processo, que iniciada no berço não termina na conclusão de um curso de graduação ou pós-graduação tanto de docentes quanto dos discentes. A justificativa é compreender a lógica do autor e compará-la com os fatos cotidianos que envolvem a cegueira real e a metafórica. De acordo com a OMS – organização mundial da saúde, a partir do Censo de 2010 e o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística –IBGE, 39 milhões de pessoas no mundo estão cegas. Existem 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual no Brasil, sendo que 582 mil estão cegas e seis milhões possuem baixa visão.

Uma parte dessas pessoas ainda vive à margem da sociedade como inválidos dependendo da solidariedade humana. A situação do cego começou a mudar há 188 anos quando o jovem francês, Louis Braille que aos três anos de idade perdeu a visão, criou um sistema de leitura que hoje contribui com a independência profissional e pessoal dos cegos. O método que leva o seu sobrenome –Braille - revolucionou a vida daqueles que passaram a ver o mundo com a ponta dos dedos. A partir desta

competência, milhões de cegos hoje conquistam o seu espaço no mercado de trabalho competindo como profissional e não como cego, e possuem uma vida normal. Eles trabalham, constituem famílias e mantêm a autoestima e orgulho de cuidar da sua própria existência além de manter sua família de forma independente. A hipótese é que, ser cego antes de ser uma questão física é uma questão mental e psicológica que pode ser vencida por meio de aprendizagem de novas ferramentas que proporcionam outro olhar sobre a própria vida e sobre o mundo e as pessoas. A fundação Dorina Nowill em São Paulo, na opinião de Regina Oliveira, coordenadora da entidade, reflete sobre a importância desta, na responsabilidade social que propicia aos cegos outra forma de ver o mundo, para viver com independência. A metodologia utilizada nesta pesquisa contou com as teorias de Lefebvre (1983a) tratando de “La presencia y La ausencia - contibucion a La teoria de las representaciones”.

Reflete sobre “Ensaio sobre a cegueira” de Saramago (1995). E de Silva (1989), “Entre a história e a ficção”, entre outros, refletem sobre a cegueira real e a metafórica. Ser cego significa, para uns, ignorar a realidade das coisas, negar a evidência e, portanto, ser doido, lunático, irresponsável. Para outros, é aquele que ignora as aparências enganadoras do mundo e, graças a isso, tem o privilégio de conhecer sua realidade secreta, profunda, proibida ao comum dos mortais. O cego participa do divino, é o inspirado, o poeta, o taumaturgo, o vidente. São esses os dois aspectos-fasto e nefasto, positivo e negativo, do simbolismo do cego, entre os quais oscilam todas as tradições, mitos e costumes. Afinal, o que é “cegueira”?

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Larousse Cultural, “Cego: adj. (do lat. Caicos). 1. Privado de visão. 2. fig. A quem a paixão tira o juízo. 3. Desatinado, transtornado. 4. Que não admite objeção nem julgamento; irrestrito. 5. Que perdeu o fio ou corta mal. 6. Voo cego, voo em que o piloto realiza operações sem ver o ambiente externo, utilizando-se apenas de instrumentos. Sem. 1. Indivíduo privado da visão. 2. fig. Aquele que se recusa a enfrentar a realidade. 3. var. de CEGO. Verificamos, portanto, que o “cego” não percebe a realidade à sua volta – seja no sentido real, seja no metafórico. Neste momento será abordado o tema da cegueira na educação, não só daqueles que estão a desbravar o conhecimento, mas também daqueles que se predispõem a fazer com que os alunos se conscientizem da importância de enxergarem cada vez melhor a realidade que os cercam e vislumbrarem um futuro melhor para toda a sociedade. A palavra “aluno” deriva do lat. *alunos*, *alumina*, por sua vez, proveniente de *alere*, que significa “alimentar, sustentar, nutrir, fazer crescer”. Toma-se como base que o aluno seja uma espécie de “lactente intelectual”: precisa ser alimentado culturalmente, tornar-se forte perante os outros e, posteriormente, repassar seus conhecimentos a quem não os tenha.

Para o desenvolvimento deste trabalho, opta-se pela pesquisa bibliográfica e eletrônica quando necessária. A partir do romance de José Saramago, analisa-se a necessidade da educação em todos os

níveis, desde a infância até o período da maturidade, quando se entra em contato com indivíduos plenos em suas funções sociais, mas desprovidos - e quem não o é? de cultura formativa e/ou acadêmica.

2 ENSAIO SOBREA CEGUEIRA - SOCIAL

Trata-se de uma narrativa em que as todas as pessoas de uma determinada região ficam cegas, exceto a mulher de um oftalmologista. Os primeiros cegos são internados num manicômio desativado onde deverão permanecer até que a cura do “mal branco” seja descoberta. A situação se agrava com a chegada de um número muito grande de cegos; latrocínio, traições, estupros e toda sorte de crimes são cometidos. Ao término da quarentena, o manicômio é incendiado e os internos saem às ruas. Após passarem por vários abrigos, chegaram à casa do médico oftalmologista e cada um a seu tempo vai recobrando a visão. A cegueira temporária é a cegueira da razão, ou seja, de tão racionais, tornam-se cegos de luz e não enxergam o outro. A cegueira que se alastra sobre as sociedades modernas no mundo contemporâneo, na forma como é descrita por Saramago é tanto mais surpreendente porque, como escreveu Lefebvre:

“... El proyecto subyacente a La modernidad de una absoluta primacia del saber, de la razón, de la ciencia y de la técnica, suscitó la contrapartida: el antisaber, la antirrazón (sinrazón e irracionalismo), la anti teoría... Se puede considerar la hipótesis de una descomposición de la sociedad en Occidente. No es la peor hipótesis. Los síntomas de disolución de la cultura, de la vida social no son ni escasos ni difíciles de descubrir; (LEFEBVRE, 1983: 213)”.

É a cegueira impedindo que os riscos produzidos pelo desenvolvimento da sociedade atual sejam previstos e solucionados através de um redirecionamento ou de sua reestruturação.

Como Saramago expressa pela fala da mulher do médico “... o tempo está-se a acabar, a podridão alastra, as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se, a comida tornou-se veneno” (EC: 283). Percebe-se, pois, os problemas ecológicos e sociais que cercam diariamente. Torna-se necessário que se identifique as causas desses problemas gerados pela própria sociedade capaz de corrigi-los a tempo. O escritor-cidadão utiliza sua linguagem para relatar a degradação do homem e da sociedade, o sofrimento, a exploração, o descaso e a intolerância. A epidemia imaginária da cegueira é a alegoria sobre o horror vivenciado, mas não visto; o olhar é a capacidade de ver e de reparar os males da convivência humana nas sociedades contemporâneas: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (EC: 7). Quanto à realidade vivida percebe-se a “cegueira social” firmada em dois pilares: •A Política - pelo descaso de muitos representantes do povo quanto ao cumprimento de metas estudadas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, igualitária e saudável em todos os níveis; •A Educacional - infelizmente, reflexo da primeira, que se traduz pela falta de perspectivas ou até mesmo de vontade de alguns educadores.

Uma sociedade bem estruturada deve ter uma política (principalmente a educacional) não reacionária, forte em seus princípios éticos, com o intuito de fazer com que todos elevem seu padrão cultural acadêmico para que entendam, percebam, visualizem a realidade e a tornem melhor, bem mais produtiva. Para o budismo, por exemplo, a cegueira vem da ignorância fundamental. Ainda que sejam muito semelhantes, pode-se dizer que a ignorância é o fato de a mente nada perceber, e a cegueira, o fato de nada compreender. Comparando essas duas noções à obscuridade, uma obscuridade sem lua, sem estrelas, sem vela, sem eletricidade. Metaforicamente: sem lua - auxiliares competentes e comprometidos, sem estrelas - profissionais capacitados, sem vela- instrutores dedicados e sem eletricidade - alunos realmente motivados para a aprendizagem. O que então? É necessário transformar essa “cegueira”, ou seja, essa ignorância, essa "in/consciência", em consciência. É preciso guiar, dar luz àquele que a procura. Alimentar quem procura o melhor que há em cada humano - o conhecimento. A cegueira da qual se fala, é o não conhecimento. Pelo processo ensino-aprendizagem, os docentes a transformam em conhecimento, em consciência do que se passa de acordo com os níveis de aprimoramento.

O educador é um agente transformador da sociedade e como tal deve ser valorizado e tem por obrigação aprimorar seus próprios conhecimentos. O pedagogo precisa ter uma visão de educação voltada para a transformação social; é um profissional habilitado a atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, em unidades e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação. Dessa forma, é necessário que o profissional seja bem preparado, pois deverá trabalhar para que: 1. A “cegueira” seja paulatinamente banida; 2. Haja transformação social; 3. Haja melhor compreensão de mundo; 4. As políticas educacionais acompanhem a evolução tecnológica. Uma pergunta que incomoda todos os envolvidos desde os primórdios da educação e, não raro, atualmente - “Como agir”? É necessário que o educador trabalhe no sentido de conscientizar o aluno da importância da cultura do repartir, do doar, do compartilhar, do trocar, de democratizar, da justiça social, das oportunidades iguais, dos deveres e direitos iguais, da ética, de noções de cidadania e do resgate dos valores. Trabalhando assim, o educador terá sua identidade reforçada, sendo o mediador, o orientador, o incentivador, aquele que ajuda a solucionar problemas e o guia na busca de soluções para que os educandos se conscientizem do papel de cidadãos.

3 EMOTOPEDIA

O Prof. Luiz Machado apresentou em 1984, em Congresso na Suécia, discutiu o conceito da emotopedia, que embasa a inteligência emocional, ou seja, de que a inteligência depende mais do sistema límbico - estruturas do cérebro mais responsáveis pelas emoções - que do intelecto do discente. De acordo com esse conceito, “a Emotopedia é a aplicação, no processo ensino/aprendizagem, do

conjunto organizado de conhecimentos para promover a mobilização das potencialidades humanas como elemento de auto realização, ou seja, o mais elevado fator de motivação do ser humano” (www.cidadedocerebro.com.br/emotopedia.asp). Ainda de acordo com o referido professor, as pessoas precisam aprender a aprender; aprender a gostar de aprender; aprender a aprender rápido; aprender inteligência e criatividade; e aprender o valor econômico do que aprendem, maximizando recursos. Analisando esses conceitos observa-se uma necessidade imperiosa de se mostrar ao aluno o porquê ele deve estudar determinados tópicos, qual sua ligação com outras disciplinas, como deve ser usado na vida real (seja no trabalho ou em sua vida social, por exemplo) e o que eles (os tópicos de uma determinada disciplina) podem fazer com que o aluno se sinta melhor e mais forte em seu meio (estudo/ mercado de trabalho/ vida pessoal).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há várias tendências pedagógicas que expressam concepções e ideias que, em com ações adequadas e suas variantes de organização, percebem qual o processo de ensino aprendizagem seja mais efetivo para um determinado grupo de uma determinada região, por exemplo. Metaforicamente, a cegueira de alguns educadores e seus superiores provoca o distanciamento entre docentes e discentes, entre o que “deve” ser ensinado-pois consta no plano de ensino - e o “como” deve ser ensinado; mas não é só isso, existe uma necessidade de se analisar o “por que” e o “para quê” - para se chegar a uma explicação convincente da finalidade de tais ensinamentos para um determinado grupo. A sociedade em geral - pais, professores, governantes e alunos – deve se despir da cegueira educacional que se traduz numa insensibilidade aos interesses individuais e coletivos de um determinado grupo bem como a indiferença quanto a todo o processo que se denomina ensino-aprendizagem. Vários são os métodos educacionais: tradicional, construtivista, montessoriano, Waldorf, Freinet, entre outros que surgem mesclando-os, mas de nada adianta o método se não houver a conscientização de que alunos e professores aprendem e ensinam mutuamente, dia após dia, e que o respeito de ambas as partes se torna essencial.

REFERÊNCIAS

Lefebvre, henri (1983a). La presencia y la ausencia - contibucion a la teoria de las representaciones. México, d.f.: fondo de cultura economica, 1983.

Saramago, j. Ensaio sobre a cegueira. São paulo. São paulo: companhia das letras: 1995. Silva, teresa cristina cerdeira da. José saramago – entre a história e a ficção: uma saga de portugueses. Lisboa: publicações dom quixote, 1989. Larrousse cultural – dicionário da língua portuguesa. São paulo: nova cultural: 1992.

Machado luiz in congresso de emotopedia na suécia 1984, www.cidadedocerebro.com.br/emotopedia.asp, em 15/11/2015.

Souza, m. M. M. In revista agosto guzzo números 12, 13, e 14 no site www.campossalles.edu.br. _____in revista brasil para todos números i e ii no site: ojs.eniac.com.br anais do iii seminário internacional de integração étnico-racial e as metas do milênio 2015. Vol. 2, n ° 3, 2 4-34 www.eniac.com.br

Anais do iii seminário internacional de integração étnico - racial www.eniac.com.brreas metas do milênio, 2015, vol. 2, n °. 3, 3540 ojs.com.br.